



ANÍBAL MACHADO RETORNA A MINAS

Maria Augusta da Nóbrega Cesarino
Superintendente de Bibliotecas

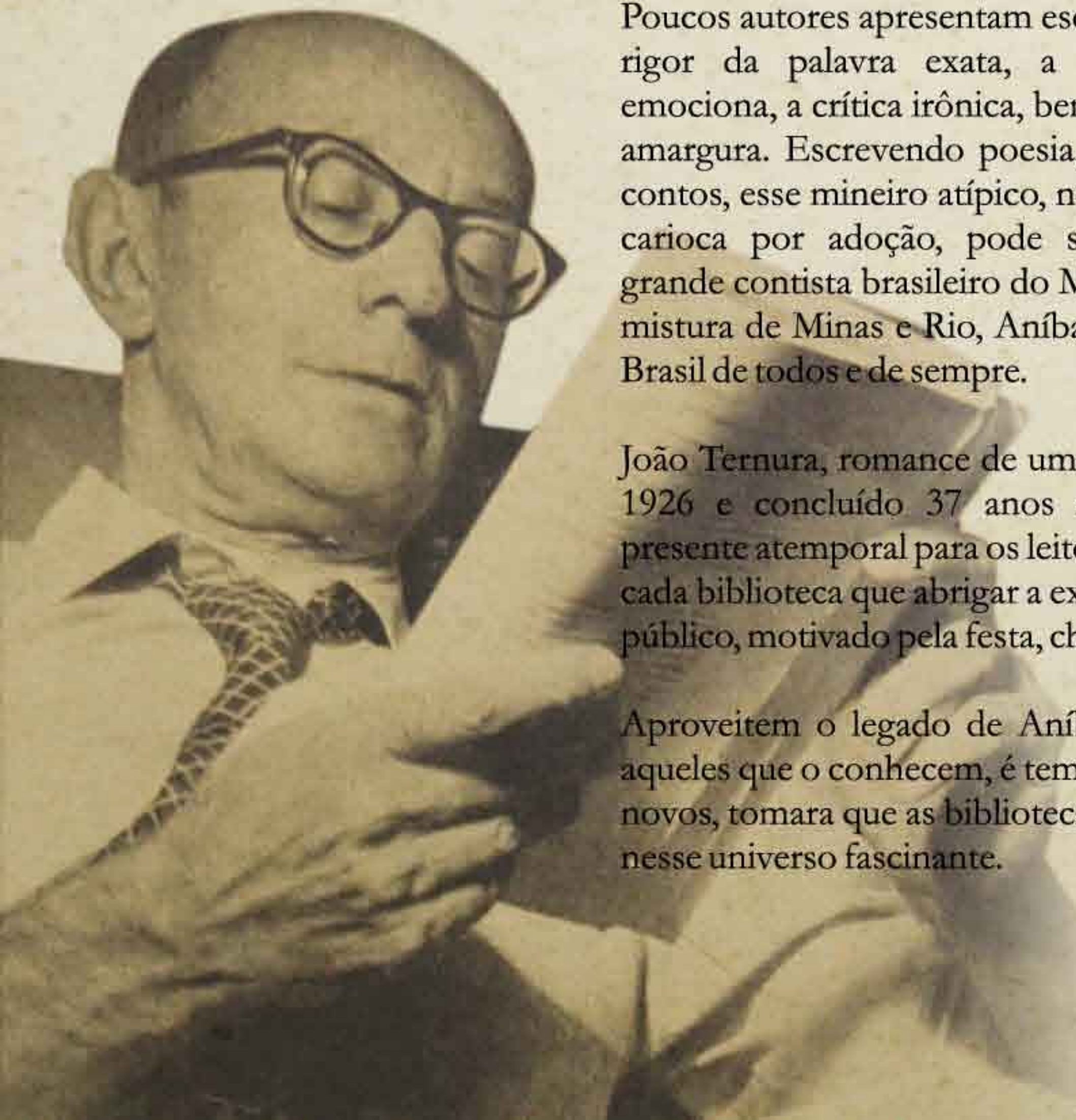
Ótima idéia teve o jornalista Humberto Werneck, curador dessa mostra, ao sugerir o nome de Aníbal Machado para integrar o rol das exposições literárias da Superintendência de Bibliotecas que percorrem os caminhos de Minas, através de suas bibliotecas públicas.

Se a missão da biblioteca no interior é seduzir o público para um encontro com a literatura, a recomendação “conheça Aníbal Machado” é de muita valia. Envolver os leitores com “A morte da porta-estandarte”, “Viagem aos seios de Duília”, “O iniciado do vento”, “Cadernos de João” e, principalmente, “João Ternura”, não é difícil. É só divulgar os textos, dar acesso, e o resultado será inevitável: encantamento.

Poucos autores apresentam escrita tão refinada, o rigor da palavra exata, a sensibilidade que emociona, a crítica irônica, bem-humorada e sem amargura. Escrevendo poesia, crônicas, ensaios, contos, esse mineiro atípico, nascido em Sabará e carioca por adoção, pode ser considerado o grande contista brasileiro do Modernismo. Nessa mistura de Minas e Rio, Aníbal Machado fala do Brasil de todos e de sempre.

João Ternura, romance de uma vida, iniciado em 1926 e concluído 37 anos mais tarde, é um presente atemporal para os leitores. Será enviado a cada biblioteca que abrigar a exposição para que o público, motivado pela festa, chegue ao livro.

Aproveitem o legado de Aníbal Machado. Para aqueles que o conhecem, é tempo de reler. Para os novos, tomara que as bibliotecas saibam iniciá-los nesse universo fascinante.





ANÍBAL JOÃO TERNURA MACHADO

Eleonora Santa Rosa
Secretária de Estado de Cultura

A obra literária de Aníbal Machado não é extensa, mas ele realizou com mestria o exercício literário da interação entre poesia e prosa, quer pelo fracionamento dos enredos, quer pela crítica com elegante rigor, quer pela rebeldia disciplinada contra as regras. É nesse quadro de modernidade que Aníbal Machado coloca suas personagens, extraíndo delas uma linguagem com tratamento clássico. Esse contraditório traz o recurso das metáforas, das comparações e outras figuras que ajudarão a compor um processo literário de extraordinária beleza. O real e o imaginário caminham lado a lado com muita sensibilidade, com a razão atuando lucidamente, para dar equilíbrio às forças antagônicas. A prosa de Aníbal Machado rompe a previsibilidade, o que favorece a presença da ironia, criando, muitas vezes, uma expectativa de tensão. E, aqui, vale ressaltar o papel de cada palavra no contexto. Ele é fruto de um intenso trabalho criador. Nada está a mais, nem a menos.

Os contos de Aníbal Machado, por sua linguagem despojada, pelo uso de símbolos impregnados de comedida dramaticidade, pela sensação de eterna busca e pela visão de paz que se coloca sempre adiante, são peças antológicas que favorecem o seu aproveitamento para outras formas de linguagens, como, por exemplo, a cinematográfica, tanto que, quando se faz a leitura, por exemplo, de **Tati, a garota** ou de **A morte da porta-estandarte** ou de **O iniciado do vento**, nossa imaginação vai acompanhando o roteiro quadro a quadro, transbordando-nos de piedoso sofrimento, de doce compaixão, de paz absoluta, porque a história está em nós.

Aníbal Machado foi um embaixador de Minas e dos mineiros e de todos mais que chegavam ao Rio de Janeiro. A casa estava sempre aberta. A mesa era sempre receptiva. Durante mais de três décadas, tornou-se o centro de encontro de intelectuais e de artistas. E é grato lembrar que, nessa vida familiar e de amigos, nasceu o Tablado, teatro-escola criado por sua filha Maria Clara Machado, que, entre outras peças de sua autoria, moveu e continuará movendo o imaginário infantil com **Pluft, o fantasminha**.

A Secretaria de Estado de Cultura, por sua Superintendência de Bibliotecas Públicas-SUB, tem a reconhecida satisfação de, por meio da exposição **Aníbal Machado — artista do verbo e da vida**, fazer chegar uma literatura que não apenas encante e emocione a sensibilidade, mas que também provoque novas leituras que, certamente, possibilitarão ampliar o círculo afetivo que escritores e seus livros generosamente vão construindo em cada um de nós.

À SOMBRA GENEROSA DE ANÍBAL

Humberto Werneck

Os contos de Aníbal Monteiro Machado (1894-1964), quase todos eles indiscutíveis obras-primas, o legendário (embora ainda não devidamente reconhecido) romance *João Ternura* e a finíssima prosa poética de *Cadernos de João* bastariam para assegurar a esse mineiro de Sabará um lugar dos mais altos na literatura brasileira do século XX.

Mas a obra escrita, fisicamente magra como seu autor, não encerra toda a enorme contribuição de Aníbal, que se espraia muito além do território das letras — pois era ele permanentemente interessado em tudo, do teatro ao cinema, do samba à música erudita, do folclore às artes plásticas, da política ao futebol (foi um dos fundadores do Atlético, em 1908, tendo marcado o primeiro gol da história do clube mineiro). Há que pesar, além dos livros, o esforço de divulgação de autores e idéias a que Aníbal generosamente se dedicou durante toda a vida.

Com pouco mais de 20 anos, morando na casa dos pais, em Belo Horizonte, Aníbal já garimpava o ouro do espírito e o distribuía a uns moços ainda mais novos que freqüentavam a sua biblioteca, num porão da rua Tupis (ali onde existiu depois o cine Tupi, mais tarde Jacques) — entre eles, um sujeito magrinho chamado Carlos Drummond de Andrade, ainda inédito em livro, cujos versos recomendou a outro visitante, esse mais cheio de carnes, um certo Pedro Nava, que em suas memórias se lembrará de ter conhecido à sombra de Aníbal aquele amigo de vida inteira.

No Rio, onde viveu a partir de 1923, Aníbal fez de sua casa em Ipanema, por décadas a fio, um estimulante, fecundo ponto de encontro das artes. “Muitos novos receberam ali a iniciação literária e muito livro foi ali batizado”, registra Otto Maria Carpeaux, que via em Aníbal um animador cultural de importância só comparável à de Mário de Andrade. “Nenhuma estatística verificará jamais quantos livros importantes, bons ou sofríveis, qual parte da literatura brasileira entre 1930 e 1960, foram concebidos nas conversas daquela sala da rua Visconde de Pirajá; e quanta música boa se inspirou nos cantos folclóricos ali ouvidos.” Foi também naquela casa que nasceu o teatro-escola Tablado de Maria Clara Machado — uma das seis filhas que Aníbal teve nos casamentos consecutivos com as irmãs Aracy e Selma Jacob.

Não havia visitante ilustre que passasse pelo Rio sem fazer escala no 487 da Visconde de Pirajá. Escritores como Albert Camus, a caminho da fama em 1949. O poeta Pablo Neruda, já celebridade em 1945. Gente de teatro, como o diretor Jean-Louis Barrault. Orson Welles, filmando o Brasil de 1942.

Estrelas ou asteróides, todos eram ali bem acolhidos. “Amigo de Aníbal Machado era quem chegasse, de qualquer país, de qualquer idade, de qualquer cor, de alta ou reduzida voltagem intelectual”, escreveu Paulo Mendes Campos ao rememorar os forrobodós de Aníbal, a que não faltavam atrações como Vinicius de Moraes dançando *boogie-woogie* no centro de uma roda, Fernando Sabino impressionando a meninada com uma sessão de mágicas, ou Tonía Carrero, para todos a Mariinha, cintilando no esplendor de sua juventude.

Não é de espantar que mesmo os penetras — etílicos ou culturais, eventualmente acumulando as duas condições — fizessem dos fuzuês anibalinos um programa sem erro nas noites cariocas de domingo. Em seu livro sobre Ipanema, Ruy Castro recuperou a deliciosa história de um desses bicões que, sem saber com quem falava, propôs ao anfitrião que fossem tomar um chope em lugar mais animado. “Não posso”, respondeu o escritor. “Tenho que dormir com a dona da casa...”





TELEGRAMA = DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

PREÂMBULO:

CARIMBO DA ESTAÇÃO:

DE

\$

POR

RECIBO:

INDICAÇÕES DE SERVIÇO
TAXADAS E ENDEREÇO:

TELEGRAMA AO FUTURO

Aníbal Machado

TEXTO E ASSINATURA

Estamos fazendo força para te alcançar. STOP demora motivo últimas resistências antiga estrutura social bem como safadeza má-fé demagogia STOP índice boçalidade. ainda impressionante. STOP impossível eliminação total imbecis STOP prazer. constatar bons resultados campanha contra superstições preconceitos que retardam nosso progresso STOP condenamos exercício abusivo da inteligência como desintegradora caráter. além de vício masturbatório STOP queremos repor inteligência em sua função crítico-construtiva a fim levantar nível vida humana e dominar natureza STOP não temos pretensão explicar mistério vida sim viver com alegria e dignidade. STOP somos contra cultivo inútil qualquer mistério STOP igualmente não abrigamos pretensão acabar com Deus DOIS PONTOS se existe. é inacabável se não existe pra que mexer. INTERROGAÇÃO STOP como quer que seja ou porque tomou nojo da humanidade ou porque achou que não valia a pena VÍRGULA Deus não está se interessando por nós STOP teremos que resolver sozinhos nossos problemas STOP queremos todos os homens se respeitem base fraternidade mas achamos que fome desmoraliza pessoa humana e que preço inacessível pão e carne-seca aumenta estatística criminalidade STOP quanto à guerra vergonha história humana estamos certos que não haverá mais a não ser pela conquista viver livremente. STOP indispensável reforma subjetiva indivíduo alienado de si mesmo motivos óbvios STOP achamos que até agora vida tem sido besta para quase todos e que ricos sem moral têm razão fazer deste mundo um bordel dissipando o que sabem vão perder para sempre STOP temos certeza que mediante luta pela transformação velhas estruturas sociais econômicas será removida principal causa sofrimento povo STOP na esfera privada esperamos reduzir neuroses e dispensar sofá psicanalista STOP nosso objetivo mais alto consiste voltar estado inocência mediante desenvolvimento extremo faculdade poética até agora atrofiada pressão forças utilitárias STOP acreditamos que a maldade seja reação defesa contra injustiça e encarecemos prática bondade sem sentimentalismo como virtude máxima espécie humana STOP urgente reformular em novas bases relações homem-mulher secularmente erradas STOP consideramos carência amor como fonte principal angústia existencial STOP declaramos finalmente pretender chegar a ti em condições menos vergonhosas que aquelas que nos trouxeram até aqui STOP futuro VÍRGULA de ti esperamos um mundo melhor e te saudamos confiantes.

(Do romance João Ternura)



HOMEM EM PREPARATIVOS

Ando sempre em preparativos.

Acumulo material, encomendo peças. Junto o necessário. Tomo todas as providências. E trato também da ornamentação.

Com isso, vou-me distraíndo. Troco coisas e idéias. Alguns me ajudam, servem-se também de mim. E todos assim nos distraímos nesses preparativos.

Mas com que seriedade! Com que paixão!

Nos momentos de intervalo, construímos cidades, casamos, discutimos, entramos na guerra.

Preparamo-nos todos para qualquer coisa que ainda não aconteceu. Há dezenas de anos tem sido assim. Há milhares de anos...

Adoro os detalhes que aliviam o peso do conjunto. O que me atrapalha, porém, não é tanto o tempo perdido na escolha do material — isso até me preenche as horas — o que me atrapalha é a rapidez com que as coisas se deterioram.

Às vezes recebo intimações para acabar depressa. Mas desconfio e faço cera. Acabar depressa, o quê?

Saio então a ver se encontro qualquer coisa que seja bem difícil de achar — acontecimento ou mulher.

Meu medo é a interrupção dessa busca por colapso de entusiasmo ou pela aparição fácil do objeto.

Procuro sempre... Procuro sem remissão. Invento novas dificuldades.

Adoro os obstáculos...

Vivo assim amontoando, renovando, corrigindo, experimentando, caindo e me aprumando.

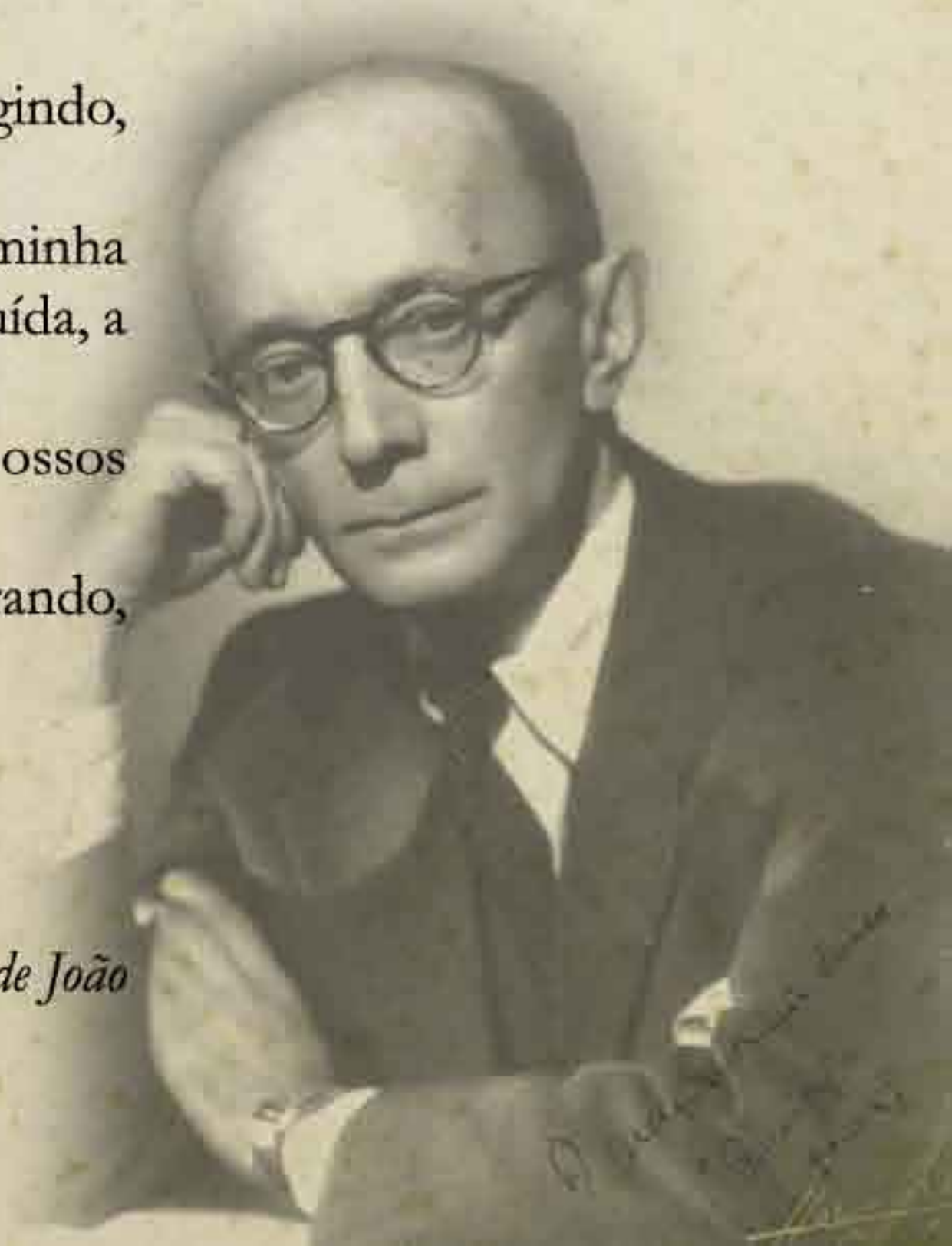
Assim não chegará jamais o dia da minha inauguração. Pois o meu pavor é a viagem concluída, a coisa acabada...

O meu pavor é a estátua de pedra, o feixe de ossos gelando na chuva ou debaixo da terra.

... enquanto vocês aí fora continuam procurando, procurando...

Não. Nunca serei inaugurado.

De Cadernos de João





O TRANSITÓRIO DEFINITIVO

O meu fim é Santa Maria, castelo de passarinhos...

Me casaram várias vezes. Aos homens que feri em brigas pelo caminho, eu dizia: — Não há de ser nada; estou de passagem para Santa Maria.

E às mulheres que abracei: — Fiquem com os filhos. Eu levo a lembrança. Estou indo para Santa Maria, castelo de passarinhos.

Entre as muitas aldeias de pouso, numa acordei com banda de música e gente debaixo da sacada: — Senhor, sabemos que estais de passagem. Aqui ninguém presta. Aceitai ser o nosso chefe.

— Eu também não presto, respondi. E estou de passagem. Deixai-me dormir...

E bati-lhes a veneziana.

Fiquei. Armei pontes, retifiquei o rio. Construí piscinas e um auditório onde preguei a centenas de ouvintes.

Falaram-me de algumas precisões: um chafariz, uma igreja, uma escola, talvez uma nova seita. Que eu poderia, etc...

Abri jardim para os namorados, horrorizei-me de meu próprio busto erguido entre as flores do canteiro principal.

E quando a moça mais linda que estreitava nos braços gemia: “Ó tu que para sempre serás meu!”, logo eu atalhava: “Não pode ser, minha filha, não pode ser... Estou seguindo para Santa Maria, castelo de passarinhos...”

Mais adiante, me condenaram. Respondi aos juízes:

— Para quê, se estou de passagem para Santa Maria? Mais vale, em vez de pena, um banho delicioso no rio.

E segui caminho.

Há mais de cinquenta anos que estou indo para Santa Maria. O que não é sacrifício para quem sabe que há de chegar.

E enquanto não chego, vou-me distraíndo à minha maneira, ora rindo, ora gemendo.

Os pequenos acontecimentos avultam aos meus olhos, os grandes se amesquinham.

Tomo parte na vida das cidades, nos negócios dos homens. E se acaso tropeço, não é contra as pedras, é contra a minha sombra.

Prendo-me aos seres e objetos com o fervor de quem vai perdê-los para sempre. Porque afinal este mundo, tam como está, se eu gosto dele um bocadinho, é no momento mesmo em que penso largá-lo. Mas isso eu nunca digo.

E vou andando...

Se alguém pergunta quem sou, respondem todos: Não se sabe. Vive dizendo que está indo para um castelo de passarinho...

Sempre assim.

Quando a vida me aborrece, largo tudo de repente, apanho a trouxa, e vou tocando devagarinho para Santa Maria, castelo de passarinhos...

De Cadernos de João



ÍNTIMOS ARQUIPÉLAGOS

Partir para a dimensão universal, mas levando no bico ou nas patas o grão de terra com que alimentar o vôo.

Não te embales muito na miragem do *longe* e do *depois*, a fim de não perderes o que arde invisível no *perto* e sopra em silêncio no *agora*.

O espírito só tem uma idade: ou é sempre jovem ou não é espírito. Tudo mais é arquivo e reminiscência.

— Impedido! Im-pe-di-do!

— Oh, pára de apitar impedimento, moral hipócrita, juiz-ladrão-de-meu-destino!

Humor, rebelião tranqüila do espírito contra a miséria envergonhada da condição humana.

Mesmo a caminho da força se deve apreciar o passeio.

Só os céticos aceitam indiferentemente todas as idéias. Como os polígamos, amam com muito espírito e pouca intensidade.

A bebedeira é um estado pessoal e ineficaz de insurreição.

Mais autonomia às tuas esperanças. Impossível marcar lugar e hora para as surpresas. Nunca dá certo.

Receberás aquilo com que já não contas na festa que não esperas.

O pensamento mais cruel se deleita na forma feliz com que se exprime.

Requinte de assassino que usa armas de luxo...

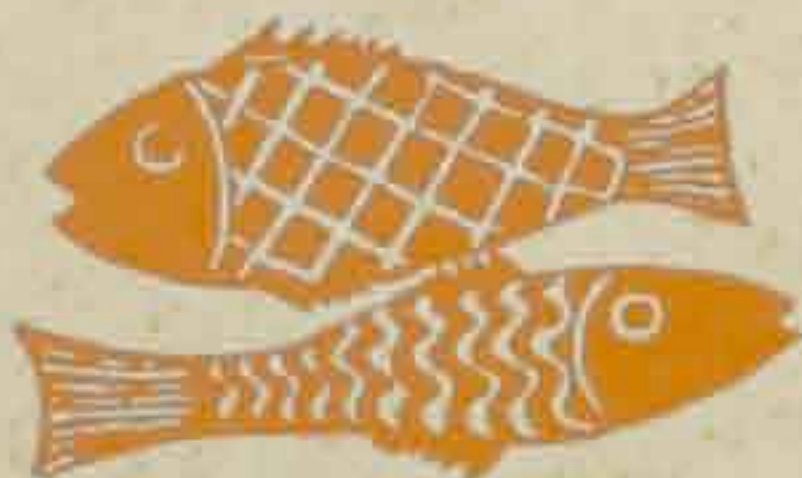
Se queres penetrar intimamente na alma de uma cidade, evita-lhe os homens importantes, e pergunta a qualquer transeunte de suas ruas: “Quais os desconhecidos mais interessantes deste lugar?”

Nada mais aflitivo do que um rio seco e uma piscina vazia. Nada que mais relembre a vida que se foi, do que esses dois esqueletos da água.

Olhar bem para as coisas que de repente deixaremos de ver para sempre.

Privilegiada semente que brilharás amanhã como fruto na árvore imediata.

De *Cadernos de João*





INICIATIVAS

Faça o que lhe digo. Solte primeiro uma borboleta.
Se não amanhecer depressa, solte outras de cores diferentes.
De vez em quando, faça partir um barco. Veja aonde vai. Se for difícil, suprima o mar e lance uma planície.
Mande um esboço de rochedo, o resto de uma floresta.
Jogue as iniciais do lenço. Faça descer algumas ilhas.
Mande a fotografia do lugar, com as curvas capitais e a cópia dos seios.
Atire um planisfério. Um zodíaco. Uma fachada de igreja. E os livros fundamentais.
Sirva-se do vento, se achar difícil.
Eles estão perdidos. Mas nem tudo o que fizeram está perdido.
Separe o que possa ser aproveitado e mande. Sobretudo, as formas em que o sonho de alguns se cristalizou.
Remeta a relação dos encontros, se possível. E o horário dos ventos.
Mande uma manhã de sol, na íntegra.
Faça subir a caixa de música com o barulho dos canaviais e o apito da locomotiva.
Veja se consegue o mapa dos caminhos.
Mande o resumo dos melhores momentos.
As amostras de outra raça.
Com urgência, o projeto de uma nova cidade!

De Cadernos de João



A SUICIDA DO VIADUTO

A rapariga subiu o viaduto e entregou a alma ao Senhor. O corpo na corda ficou em má posição, pois mesmo embaixo passava o canal da rua cheio de gente.

A lâmpada vermelha impedia o trânsito até que os bombeiros retirassem o corpo do céu.

— Tem calça?

— Tem.

— Não tem.

— Tem, sim!

Os motoristas olham. Olham os soldados. O público olha. Ninguém pode passar.

A dúvida persiste. Um vento bate de propósito nas vestes da moça. Há um zunzum na multidão. Não tem calça!

O delegado então mandar afastar os transeuntes. Era proibido olhar. Os bombeiros trabalham. O viaduto se envolve na noite. O vento despiu a suicida. Há um deslocamento de astros e uma estrela nova começa a reluzir no corpo da mocinha dependurada no alto.

As senhoras estão aflitas e animam o esforço dos bombeiros para que se retire depressa do céu aquela estrela, pois não convém que ela fique brilhando muito tempo sobre a cidade. E os bombeiros trabalham, enquanto os homens ficam te olhando, lá de baixo, suicida do viaduto — todos deslumbrados mas em silêncio, inclusive o teu padeiro por quem te mataste e que só começou a te amar depois que viu a tua nudez exposta como uma lâmpada no céu da noite, sobre o clamor das ruas apinhadas.

Texto inédito encontrado entre os papéis de Aníbal Machado, depois de sua morte, e publicado pela primeira vez, em fac-símile, como apêndice ao romance João Ternura.





“Pela madrugada, João de Oliveira e a mulher acordaram ao barulho forte da chuva. Vento e chuva juntando-se ao rugido da ressaca. Acenderam a luz. Entreolharam-se.

— Eu estava pensando nele, Rosália...

— Eu também, João... O pobrezinho! Desabrigado, apanhando chuva... Com esse frio!

— E as águas a entrarem pela máquina, a estragarem tudo... a camurça... as cordas... que coisa horrível, hein, Rosália?

— Afinal, foi uma ingratidão o que fizemos, João.

— Não quero nem pensar, Rosália...

O vento fustigava as frondes que os relâmpagos descobriam. João de Oliveira adormeceu de novo num sono agitado. Despertou logo em seguida. E começou a contar à mulher que ouvira o próprio piano repetir tudo o que se havia tocado nele... Mas com muito mais alma!...

— Uma porção de mãos, Rosália... Mãos diferentes, de diversas mulheres. As de minha avó, as de minha mãe; as tuas; as de minhas tias, as de Sara. Mais de vinte mãos, mais de cem dedos brancos ferindo o teclado. Nunca ouvi músicas tão bonitas. Uma coisa sublime, Rosália. Certos acordes as mãos mortas tiravam melhor que as vivas. Muitas moças de outras gerações estavam atrás, a ouvir. Perto, nossos parentes se namoravam, pediam-se em casamento. Não sei por que, todos olhavam para mim com certo desprezo. De repente, os dedos se retiraram; ouviu-se a Marcha Fúnebre; o piano se fechou a si mesmo... tomou a enxurrada... deslizou para o oceano... eu gritei... mas já era tarde, não me atendeu mais. Parece que partiu ressentido, Rosália!... E me deixou na rua, só, com vontade de soluçar.”

Do conto *O piano*





“A Praça transbordava. Dos afluentes que vinham enchê-la, eram os do Norte da cidade e os que vinham dos morros que traziam maior caudal de gente. O céu baixo absorvia as vozes dos cantos e o som em fusão de centenas de pandeiros, de cuícas gemendo e de tamborins metralhando. O negro, indiferente à alegria dos outros, estava com o coração batendo, à espera. Só depois que Rosinha chegasse começaria o Carnaval. O grito dos clarins lhe produz um estremecimento nos músculos e um estado de nostalgia vaga, de heroísmo sem aplicação. Ó Praça Onze, ardente e tenebrosa, haverá ponto no Brasil em que, por esta noite sem fim, haja mais vida explodindo, mais movimento e tumulto humano, do que nesse aquário reboante e multicolor em que as casas, as pontes, as árvores, os postes parecem tremer e dançar em convivência com as criaturas, e a convite de um Deus obscuro que convocou a todos pela voz desse clarim de fim do mundo?...

A Praça inteira está cantando, tremendo. O corpo de Rosinha não tardaria a boiar sobre ela como uma pétala.”

Do conto *A morte da porta-estandarte*



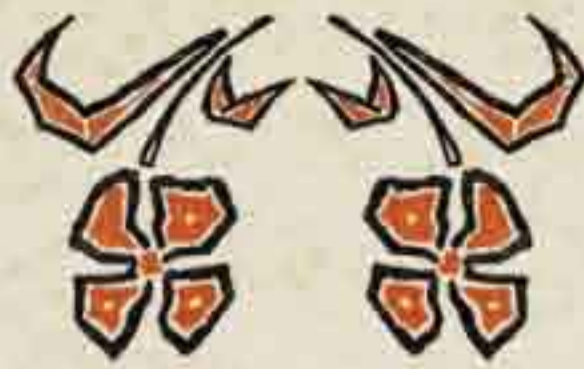


“O que mais o espantara no gesto de Duília — recordava-se José Maria durante a insônia, agarrando-se ao travesseiro — foi a gratuidade inexplicável e a absurda pureza. Ela era moça recatada, ele um rapazinho tímido, apenas se namoravam de longe. Mal se conheciam. A procissão subia a ladeira, o canto místico perdia-se no céu de estrelas. De repente, o séquito parou para que as virgens avançassem, e na penumbra de uma árvore, ela dá com o olhar dele fixo em seu colo, parece que teve pena e com simplicidade, abrindo a blusa, lhe disse: — Quer ver? — Ele quase morre de êxtase. Pálidos ambos, ela ainda repete: — Quer ver mais? — E mostra-lhe o outro seio branco, branco... E fechou calmamente a blusa. E prosseguiu cantando.

Só isso. Durou alguns segundos, está durando uma eternidade. Apenas uma vez, depois do acontecimento, avistara Duília. A moça se esquivara. Mas o que ela havia feito estava feito, e era um alumbramento.”

Do conto *Viagem aos seios de Duília*





“Deus estaria detido na Chefatura de Polícia, convertendo um coronel. Dizia-se também:

— que o seqüestraram no porão de um navio.

— que fora visto subindo a pé o Corcovado com uma coroa de flores para os fiéis do Cristo Redentor.

— que estaria tomando batida num boteco do Méier.

Segundo outra versão, Deus, vestido de Pierrô, percorria clubes e gafieiras para constatar de perto os desatinos da carne, e lançar a maldição sobre o povo carioca.

Os mais supersticiosos afirmavam que o viram esvanecer-se em nuvem, e subir ao céu.

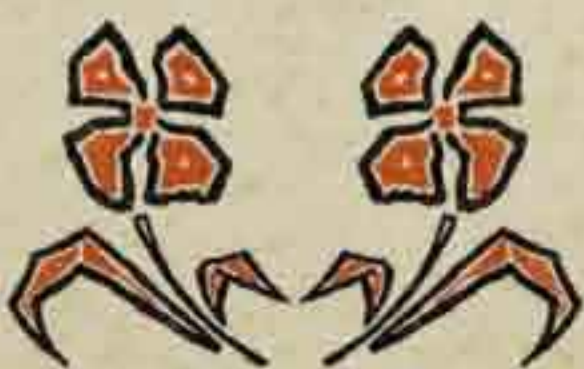
Como quer que fosse, a notícia de sua presença alterava a fisionomia do carnaval. Turistas de várias seitas e procedências foram tomados de repentina excitação, enquanto fotógrafos e cinegrafistas colocavam as câmaras em pontos estratégicos na esperança do flagrante mais sensacional de todos os tempos.”

Do romance *João Ternura*


“ORAÇÃO DA PRAÇA QUINZE — Cristo do Corcovado, a bagunça começou. Suspende o teu plantão e vira o rosto para a Serra do Mar. Se possível, dá as costas para o Rio de Janeiro. Ainda bem que tuas pupilas e ouvidos estão fechados a cimento. Fecha também os braços, e deixa por nossa conta esta noite de quatro noites!...

Esculhambatrizes do Mangue, curradores da Zona Sul, esmulambados das favelas — vinde. Estudantes, caixeiros, punguistas, mulatas de bunda barroca, maconhentos, cafajestes, marafas, mandigueiros, bambas do morro, empresários, funcionários, bancários, ferroviários, negociastas, vigaristas, e demais *ários* e *istas* e pederastas — chegou a hora! E por que não vocês também, esquizofrênicos e melancólicos, enfarados da vida? Para espiar ao menos... Velhos, paráliticos, cardíacos, barnabés, balzaquianas e marechais de pijama — todos para a rua! E vocês também, debutantezinhas de pés mimosos e curvas suavinas! Mas não exagerem nos remelexos que o muito rebolar compromete a alma.”



Do romance *João Ternura*



aníbal **M.** machado



JOÃO
TER
NU
RA



“De alguns anos para cá os mortos vinham comparecendo com incômoda assiduidade. Sobretudo os parentes. Achando-se com mais direitos, pareciam querer falar-lhe, quase o puxavam pelo paletó; e só faltava-lhe pedirem cigarros.

Quando os do lado de lá invadiram o lado de cá, Ternura esperava poder conversar com Liberata ou com Isaac. Alguns minutos depois, persuadia-se de que os de lá por lá ficaram para sempre, sem nunca, mas nunca mesmo darem as caras neste mundo. Pois se não existiam, é claro que não podiam mais voltar: estavam acabados, acabadinhos para sempre.

De modo que, quando algumas figuras lhe voltavam à lembrança, Liberata por exemplo; ou então seu pai, a negra Josefina, a bruxa da noite do temporal; ou aquela criança que há poucos dias rolara do muro e ele vira morrer; e até mesmo aquele homem endurecido no banco a que fora pedir cigarro na Batalha do Túnel — todas numa aparição ambígua entre seres realmente vivos ou apenas evocados — Ternura sentia mal-estar e aflição, de tanto pensar que eles podiam estar vivos de verdade.

No mundo dos mortos incluía coisas e paisagens desaparecidas, figurando em primeiro lugar a chácara da infância com suas velhas árvores e o vento que as fustigava.

Distraído com os movimentos miúdos e apaixonantes da vida, não tinha tempo de ocupar-se com a morte. Mas, ultimamente, ela vinha exagerando. Notara que atrás das coisas cotidianas a morte costumava inculcar a sua presença. Não para negá-las ou lembrar que tudo era transitório, senão para incorporar-se nelas e dar-lhes valor diferente.

E assim, recebendo a morte como aliada natural, Ternura começou a tratá-la como elemento de vida e acréscimo de força.”

Do romance *João Ternura*

CRONOLOGIA

1894

9 de dezembro: Aníbal Monteiro Machado nasce em Sabará (MG), quinto filho do negociante catarinense Virgílio Cristiano Machado e de Maria Helena Monteiro Machado, do Caeté, de sangue mineiro e pernambucano. Entre seus dez irmãos, nascerá mais tarde a escritora Lúcia Machado de Almeida.

1894-1906

Primeira infância na fazenda da família, Nova Granja, nas proximidades de Sabará. É alfabetizado pela mãe e por uma governanta alemã. Viagens freqüentes ao Rio de Janeiro.

1906

Interno no Colégio Dom Viçoso, de Belo Horizonte, onde passará três anos.

1908

Funda, com um grupo de amigos, no Parque Municipal de Belo Horizonte, o Atlético Mineiro Football Club, que, em 25/3/1913, passará a chamar-se Clube Atlético Mineiro. Como meia-direita e com o apelido “Pingo”, Aníbal marcará, em 21/3/1909, o primeiro gol da história do Atlético, que bateu por 3 a 1 o Sport Club Football.

1909

Transfere-se para o Ginásio Mineiro, mais tarde Colégio Estadual de Minas Gerais. O curso será completado no Colégio Abílio, do Rio de Janeiro, imortalizado por Raul Pompéia como Ateneu, no romance de mesmo nome.

1912

Conclui o curso secundário, bacharelando-se em Ciências e Letras.

1913-17

De volta a Belo Horizonte, matricula-se na Faculdade de Direito, onde se tornará amigo dos escritores Djalma Andrade e José Oswaldo de Araújo, e do futuro jurista Francisco Campos. Prossegue o curso na Escola Livre de Direito do Rio de Janeiro, antes de retornar à faculdade belo-horizontina, na qual fará os dois últimos anos, formando-se em 1917. Nesse período, freqüenta o Grêmio Literário Alexandre Herculano, do qual é o orador.

1918

2 de janeiro: casa-se com a ouro-pretana Aracy Jacob.

1919

Nomeado promotor público, muda-se para Aiuruoca, no Sul de Minas, onde passará um ano. Ali nascerá Maria Celina, a primeira de suas seis filhas.

1920

Volta para Belo Horizonte.

1921

Maior: nomeado professor interino de História Geral no externato do Ginásio Mineiro.



1921-24

Por esta época, vai à redação do *Diário de Minas*, para saber quem era o cronista Manuel Fernandes da Rocha — pseudônimo de Carlos Drummond de Andrade, de quem será amigo até o final da vida. Faz amizade com outros jovens escritores: João Alphonsus, Pedro Nava, Rodrigo M. F. de Andrade, Abgar Renault e Milton Campos, futuro governador de Minas Gerais.

Publica, na revista *Vida de Minas*, um obscuro ensaio filosófico escrito ao tempo de estudante, “O sentido das estátuas”.

Colabora, como cronista, num jornal de vida efêmera, *O Estado de Minas*. Nele, em parceria com Carlos Góes, Ernesto Cerqueira, Laércio Prazeres, Berenice Martins Prates, João Lúcio Brandão e Milton Campos, escreve um romance coletivo em folhetins, *O capote do guarda*.

1923

Com a eleição de Artur Bernardes à presidência da República, tem a promessa de nomeação para o cargo de promotor-adjunto no Distrito Federal. Muda-se para o Rio com Aracy e as três filhas. Enquanto espera o ato oficial, trabalha, durante seis meses, como delegado de polícia na Ilha do Governador.

1924

Fevereiro: nomeado promotor-adjunto, cargo que trocará, pouco tempo depois, pelo de catedrático interino de literatura do Colégio Pedro II.

1925

Publica o conto “O rato, o guarda-civil e o transatlântico” na revista *Estética*, de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto.

1926

Começa a escrever o romance que originalmente se chamou *João Ternura, lírico e vulgar*, e que, interrompido várias vezes, só será concluído 37 anos mais tarde, às vésperas de sua morte.

1927

Nomeado oficial de gabinete de Augusto Viana do Castelo, ministro da Justiça do governo Washington Luís. Continua a lecionar no Colégio Pedro II.

1929

19 de junho: publica um fragmento de *João Ternura* na *Revista de Antropofagia*, dirigida por Oswald de Andrade.

1930

Ano de grandes perdas. Em janeiro, morre sua mãe. Em 30 de março, Aracy morre no parto do sexto filho, um garoto, que não sobrevive. O escritor perde também suas fontes de renda: como o irmão Cristiano Machado está entre os articuladores do movimento que, em outubro, vai depor o presidente Washington Luís, Aníbal, que tem dois empregos públicos, sente-se na obrigação moral de renunciar a eles antes que a Revolução de 30 seja um fato. Viúvo, pai de cinco filhas, a mais velha delas com apenas 9 anos de idade, tem ajuda de uma irmã de Aracy, Selma, pouco mais que uma adolescente. Aníbal apaixonou-se por ela e, na véspera do Natal, encarrega a filha mais nova, Maria Ethel, de deixar nos sapatos de Selma um pedido de casamento.

1931

3 de junho: casa-se com Selma Jacob, que lhe dará sua sexta filha, Aracy Maria. Escreve “A morte da porta-estandarte”, um de seus contos mais conhecidos.

1935

Morando na rua Francisco Sá, 12, em Copacabana, cria o hábito, que se estenderá até a morte, de reunir amigos em casa, nas noites de domingo. Do núcleo inicial das “domingadas” ou “domingueiras”, como ficarão conhecidos esses encontros em casa de Aníbal, fazem parte os poetas Carlos Drummond de Andrade, Dante Milano e Murilo Mendes. Por essa época, é nomeado para o cargo vitalício de oficial do registro civil.

1937

Com a compra de uma casa assobradada na rua Visconde de Pirajá, 487, em Ipanema, as reuniões dominicais promovidas por Aníbal ganham cada vez mais frequentadores. Por lá passarão as figuras mais importantes da literatura e das artes no Brasil, além de celebridades estrangeiras em visita ao Rio. Ali será fundado, em 1951, pela filha Maria Clara Machado, o grupo teatral O Tablado.

1941

Publica seu primeiro livro: *O cinema e sua influência na vida moderna*, conferência que fizera no Instituto Brasil-Estados Unidos.

1942

É um dos autores do romance *Brandão entre o mar e o amor*, em parceria com Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz. Publicado originalmente no semanário *Diretrizes*, do

Rio de Janeiro, o romance sai, no mesmo ano, pela Livraria Martins Editora, de São Paulo. É de Aníbal Machado o quarto capítulo, “O mar triunfante”.

1943

Compra uma casa no município fluminense de Vassouras, onde escreverá boa parte de sua obra.

1944

Novembro: por iniciativa da escritora paraense Eneida, reúne cinco contos e publica *Vila Feliz*. São cinco histórias: “Acontecimento em Vila Feliz”, “O telegrama de Ataxerxes”, “O piano”, “Tati, a garota” e “A morte da porta-estandarte”. É eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores para o biênio 1944-46.

1945

22-27 de janeiro: preside, em São Paulo, o histórico I Congresso Brasileiro de Escritores, cuja “Declaração de Princípios”, enfatizando a luta pela democracia, ajudará a pôr fim, em outubro, à ditadura do Estado Novo.

2 de novembro: sobrevive a grave acidente aéreo nas proximidades da cidade uruguaia de Rocha, a bordo do hidroavião francês *Lionel de Marnier*, que fazia o voo inaugural da linha Rio-Buenos Aires. Com Aníbal viajam Vinicius de Moraes e Moacir Werneck de Castro.

2 de dezembro: aceita concorrer a uma cadeira de deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro, mas não faz campanha. Dizia, bem-humoradamente, que teve apenas um voto — o de sua mulher, Selma.

1946

Tem seis poemas incluídos na *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*, organizada por Manuel Bandeira.

1947

Passa dez meses na Europa, visitando Portugal, Itália, Suíça, França, Polônia, Alemanha e Checoslováquia. Em Paris, conhece Picasso, Paul Eluard e André Gide.

1951

Publica, em tiragem de 120 exemplares, a plaquete *ABC das catástrofes e Topografia da insônia*. Escreve, com Alberto Cavalcanti e Nery Dutra, o argumento do longa-metragem *Ângela*, da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, com direção de Abílio Pereira de Almeida e Tom Payne. No elenco, sua filha Maria Clara Machado faz uma ponta.

1954

Abre-se para Aníbal uma fase de grande produtividade. Em cinco anos, escreverá sete contos, entre eles as obras-primas “Viagem aos seios de Duília” e “O iniciado do vento”.

1955

Publica *Poemas em prosa*, com 330 exemplares. Escreve, para o álbum *Goeldi*, um estudo introdutório

que se tornará texto fundamental sobre a obra do gravador carioca.

1957

Publica *Cadernos de João*, volume que reúne, revistos e aumentados, os livros que lançara em 1951 e 1955. Participa do júri do Salão de Belas-Artes, ao lado de Oswaldo Goeldi e Franck Schaeffer.

1958

Cronista da *Revista da Semana*.

1959

Junho: publica *Novelas reunidas*, que traz os cinco contos de *Vila Feliz* e sete outros, inéditos em livro. Sua peça *O Piano*, baseada no conto de mesmo nome, recebe o Prêmio Academia Brasileira de Letras. Depois de longa pausa, volta a trabalhar no romance *João Ternura*.

1960

O conto “A morte da porta-estandarte” é adaptado para o cinema, como um dos quatro episódios de *Esse Rio que eu amo*, de Carlos Hugo Christensen.

1963

Fevereiro: passa por exames que afastam suspeita de câncer do intestino.

Julho: novos exames revelam a existência de um câncer do pulmão, que em outubro exigirá cirurgia.

Dezembro: conclui *João Ternura*.

1964

17 de janeiro: praticamente curado do câncer, é internado na Casa de Saúde São Vicente com pneumonia. Confia os originais de *João Ternura* a Carlos Drummond de Andrade, que se encarregará da edição final do texto.

19 de janeiro: aos 69 anos, morre Aníbal Machado. É enterrado no dia seguinte no cemitério do Caju, no Rio de Janeiro.

“Viagem aos seios de Duília” é filmado por Carlos Hugo Christensen.

1965

Janeiro: publicação de *João Ternura* e *A morte da porta-estandarte e outras histórias*, que acrescenta um relato aos doze de *Novelas reunidas*: “O rato, o guarda-civil e o transatlântico”, escrito quarenta anos antes.

1967

“O iniciado do vento” é transposto para o cinema como *O menino e o vento*, de Carlos Hugo Christensen. *João Ternura* é publicado na Argentina, com o mesmo título.

1973

“Tati, a garota” inspira o primeiro longa-metragem do diretor Bruno Barreto.

1975

Aníbal Machado, curta-metragem de Cacá Diegues.

1984

Sai *Melhores contos* de Aníbal Machado, pela editora Global.

1991

7 de outubro: estreia na Rede Globo de Televisão a novela *Felicidade*, de Manoel Carlos, livremente inspirada em vários contos e personagens de Aníbal Machado. Com grande elenco encabeçado por Tony Ramos e Maitê Proença, foi ao ar até 30/5/1992.

1994

No centenário de seu nascimento, dois livros põem em circulação inéditos e dispersos do escritor: *Parque de Diversões Aníbal Machado*, organizado por Raúl Antelo, e *A arte de viver e outras artes*, que inclui *Cadernos de João*.

3 de agosto: abre-se em Belo Horizonte a exposição *O peixe voador — 100 anos de Aníbal Machado*, promovida pelo BDMG Cultural, com curadoria de Luís Augusto de Lima e Francisco Aníbal Machado Gontijo, o ator Chico Aníbal, neto do homenageado.

9 a 11 de dezembro: é encenado no auditório da Academia Mineira de Letras, em Belo Horizonte, o espetáculo *Aníbal Machado, quatro, oito, sete (alusão à casa da rua Visconde de Pirajá, 487, em Ipanema, onde morou o escritor)*, com direção e roteiro de Cida Falabella, produção da Cia. Sonho e Drama e promoção da Secretaria de Estado da Cultura. No papel de Aníbal, o neto Chico Aníbal.

16 de dezembro: a exposição *O peixe voador — 100 anos de Aníbal Machado* é montada na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. No mesmo local, é encenado o espetáculo *Aníbal Machado, quatro, oito, sete*.

É lançado em Belo Horizonte o vídeo (15min4seg) *Embolada da vida inteira*, de Francisco de Paula, inspirado em vários contos de Aníbal Machado.

É lançado no Rio de Janeiro o vídeo biográfico (21min) *Aníbal Machado — O Iniciado do Vento*, de Eliane Terra e Karla Holanda.

1995

Estreia no Rio de Janeiro o curta-metragem (28min) *Lá e cá*, baseado no conto “Monólogo de Tuquinha Batista”, com direção de Sandra Kogut, Regina Casé no papel principal e trilha sonora de Herbert Vianna.

2005

Estreia no Rio de Janeiro o curta-metragem (6min) *O milagre do bar*, de Leonardo Ayres, baseado no miniconto homônimo (do livro *Cadernos de João*).





Aníbal (o primeiro da esquerda para a direita, na primeira fila) entre escritores e pintores brasileiros vistos por Augusto Rodrigues em 1950

A OBRA DE ANÍBAL MACHADO

Em livro:

O cinema e sua influência na vida moderna (conferência). Instituto Brasil-Estados Unidos, Rio de Janeiro, 1941.

Vila Feliz (contos). José Olympio, Rio de Janeiro, 1944.

ABC das catástrofes e Topografia da insônia (ensaio poemático). Edições Hipocampo, Niterói, 1951.

Poemas em prosa. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1955.

Goeldi (ensaio crítico). Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1955.

Cadernos de João (ensaio poemático; inclui *ABC das catástrofes e Topografia da insônia* e textos novos). José Olympio, Rio de Janeiro, 1957; 4ª ed., 2004.

Novelas reunidas (*Vila Feliz* e sete histórias inéditas em livro). José Olympio, Rio de Janeiro, 1959.

João Ternura (romance). José Olympio, Rio de Janeiro, 1965. 10ª ed., 2007.

João Ternura. Tradução de René Palacios More. Editorial Proyección, Buenos Aires, 1967.

A morte da porta-estandarte e outras histórias (*Histórias reunidas* acrescido de um conto inédito em livro). José Olympio, Rio de Janeiro, 1965. (Teve, a partir dos anos 1974, edições com o título *Tati, a garota*.) 17ª ed., 1997.

Melhores contos. Seleção e apresentação de Antônio Dimas. Global, São Paulo, 1984. 7ª ed., 1997.

Parque de Diversões — Aníbal Machado (Textos dispersos). Raúl Antelo (org.); Editora UFMG, Belo Horizonte, Editora UFSC, Florianópolis, 1994.

A arte de viver e outras artes (*Cadernos de João* e textos dispersos). Graphia Editorial, Rio de Janeiro, 1994.

Em co-autoria:

O capote do guarda (romance). Com Carlos Góes, Ernesto Cerqueira, Laércio Prazeres, Berenice Martins Prates, João Lúcio Brandão e Milton Campos. Publicado em folhetins no extinto jornal *O Estado de Minas*, no final dos anos 1910, início dos 20, em dezenove capítulos, dos quais os cinco primeiros provavelmente se perderam, pois não há notícia de que uma coleção do diário tenha sido preservada. Os demais foram publicados na *Revista da Academia Mineira de Letras*, vols. 38 a 41, 2005 e 2006.

Brandão entre o mar e o amor (romance). Escrito em parceria com Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz. Martins, São Paulo, 1942. 2ª ed., 1973. 3ª ed., Record, Rio de Janeiro, 2000.

No cinema:

A morte da porta-estandarte, um dos quatro episódios do longa-metragem *Esse Rio que eu amo* (1960), de Carlos Hugo Christensen.

Viagem aos seios de Duília (1964), longa-metragem de Carlos Hugo Christensen.

O menino e o vento (1967), longa-metragem de Carlos Hugo Christensen, baseado em “O iniciado do vento”.

Tati, a garota (1973), longa-metragem de Bruno Barreto.

Lá e cá (1995), curta-metragem (28min) baseado no conto “Monólogo de Tuquinha Batista”, com direção de Sandra Kogut, Regina Casé no papel principal, e trilha sonora de Herbert Vianna.

O milagre do bar (2005), curta-metragem (6min) de Leonardo Ayres, baseado no miniconto homônimo, do livro *Cadernos de João*.

No teatro:

O piano (adaptação de Aníbal Machado), 1959. Prêmio Cláudio de Souza, da Academia Brasileira de Letras.

Na televisão:

Felicidade, novela de Manoel Carlos, livremente inspirada nos contos “Tati, a garota”, “A morte da porta-estandarte”, “Viagem aos seios de Duília” e “O piano”. Rede Globo de Televisão, 7/10/1991 a 30/5/1992.

Em vídeo:

Embolada da vida inteira (1994), de Francisco de Paula, com 15min 04seg, inspirado em vários contos de Aníbal Machado.



OS CÃES LATIAM NA ESPUMA

Eu disse que iria procurar a companheira para voltar com ela antes que o dia acabasse.

O mar escurecia tão depressa que muitas ondas já arrebentavam dentro da noite.

Eu prometi aos amigos que voltaria sem demora para aproveitarmos até o fim o espírito das águas.

O vento levantava o vestido da companheira e nós íamos velozes, sentados num trenó que os cães invisíveis puxavam na espuma. No alto das ondas uma tristeza nos veio não sei se do passado ou do fundo da memória.

Mas vi que seríamos menos felizes andando devagar.

Então os cães invisíveis correram mais depressa e outra vez, no alto da onda, a alegria voltou.

Os cães latiam sempre na espuma.

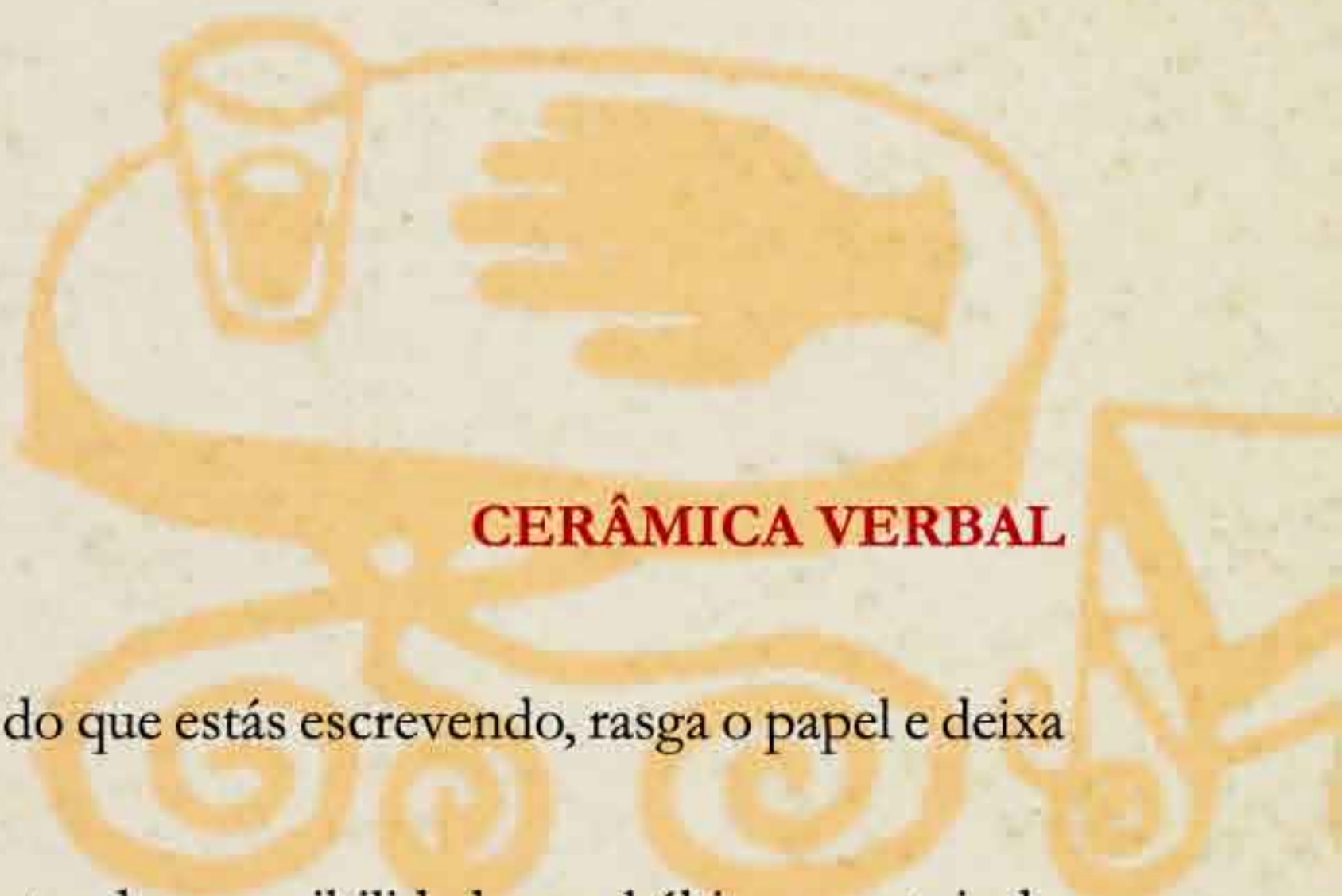
Ó noite que desce depressa, ó mar que predomina em tudo, ó vento na saia da companheira, ó doçura!

Eu tinha prometido voltar mais cedo e me deixei levar.

Passaram as águas noturnas. Veio depois a neblina da madrugada.

Os cães continuavam a latir na espuma, e quando raiou o sol eu ainda corria enlaçado à companheira, trocando palavras que não sabemos repetir, que nunca mais ouviremos...

De Cadernos de João



CERÂMICA VERBAL

Se todo o teu corpo não participa do que estás escrevendo, rasga o papel e deixa para amanhã.

O melhor livro é aquele que, violentando a sensibilidade e os hábitos mentais do leitor, perturba-lhe por algum tempo o equilíbrio interno e o restabelece depois em plano e clima diferentes.

Uma coisa entre herbário e casa de pássaros, com nascentes de água no branco das páginas, e rumo de concha marinha em cada frase. Uma coisa em polpa de fruta, o sumo escorrendo entre as rachas; que ameaça fugir das mãos para mergulhar e voar; que nos destrua à noite e nos ressuscite esquecidos da véspera; que nos faça amanhecer muitas vezes.

Um livro que esteja ventando em cada folha e fazendo sol nas margens. Um livro que suscite no leitor a vontade de fechá-lo depressa e ir vivê-lo fora de suas páginas.

Artista do verso, muitas vezes inimigo inesperado da poesia...

Que há com a maioria dos poetas que tanto fogem da vida acobertando-se com as palavras? Que há com a vida que tanto assusta a esses poetas?

Retira do teu poema as estridências do grito, se queres que ele tenha mais alcance e ressonância.

Treme o espírito burguês em seus fundamentos cada vez que se abebera em livros de sintaxe indisciplinada. O conforto cívico da boa linguagem!
Como se a jóia mais bem lavrada não pudesse esconder o veneno mais ativo.

A imagem poética, em súbita aparição, já vem com os ritmos orgânicos que a prendem a todo o sistema do Universo.

Vida esgotada e caduca, inaceitável vida contigo soçobra a velha retórica com que te exprimias.

Venha a nova linguagem simples e límpida, mais perto do homem e do seu novo amanhecer no mundo.

Nada pode contra o poeta. Nada pode contra esse incorrigível que tão bem vive e se arranja em meio aos destroços do palácio imaginário que lhe caiu em cima.
Poeta, recuperador da presença perdida...



De Cadernos de João



TOPOGRAFIA DA INSÔNIA

O pior não é ficar sem dormir; é permanecer todo o tempo deitado, a poucos centímetros do nível do sono.

Atiro fora os inimigos, os desejos, o orgulho, os escrúpulos, as imagens tristes, o excesso de roupas; tudo que pesa, atiro fora. Fecho os olhos como quem dá as costas ao mundo. Fico imóvel e finjo-me de morto, à espera de que o sono passe e me leve na Ambulância da Noite.

Parece que dormi. Parece. Mas foi um sono falso, de imitação: a prova é que tudo que existe no estado de vigília aproveitou também a Ambulância da Noite e embarcou comigo.

Não se pode dormir em mim com essa barulheira.

Falta de horizonte, de meios-tons, falta de neblina. Tudo miudamente nítido. Se houvesse um pouco mais de peso, eu desceria até pousar no leito do sono.

Esterilidade da insônia... Que posso ver ou achar com minha pobre lâmpada de mão, por esses salões excessivamente iluminados?

Dormir, mas dormir completamente. Só assim se terá direito a uma vida nova a ser inaugurada amanhã mesmo, ao despertar.

Um alargamento monstruoso e uma proliferação infinita de coisas insignificantes.

Meu maior receio é ficar acordado até o fim do mundo: — tenho quase certeza!

Tudo afinal caminha para o sono. O sono é a grande perfeição.



Cada qual pode mergulhar tranqüilo no fundo de sua cisterna. De repente, porém, o vento do mundo sopra lá em cima, na roda da torre do moinho; e lá vão subindo as águas subterrâneas de nosso ser — sujas, revoltas...

Passeatas, reclamações, discussões sem resultado — tudo na parte da frente da cabeça, onde se estão juntando os ossos do mundo.

Vou mudar-me para os pés: de lá será mais fácil fugir...

Há raios solares captados. Por que não haverá uma essência de Noite para se pingar nos olhos?

A insônia não é propriamente a impossibilidade de dormir. A insônia é uma entidade viva, megera impostora, filha perversa da ausência do sono.

Será que vou dormir minha noite pessoal, ou a de um de meus antepassados de há milênios atrás?

O sono é o sonho absoluto.

Como dormir — se ainda existem, acumulados a meu lado, montes e montes de bagaços da vida esperando hora para serem incinerados?

De Cadernos de João



A.B.C. DAS CATÁSTROFES

O incêndio é a mais impaciente das catástrofes; a explosão, a mais impulsiva e lacônica; o abaloamento, a mais colérica; a inundação, a mais feminina e majestosa.

Qualquer que seja a arquitetura dum edifício, seus escombros obedecerão ao estilo barroco.

A velocidade é a irmã mais nova do desastre: a mais fina também, e a mais esbelta.

Os escombros, esquecidos da violência, procuram sossego sob a relva e o musgo.

Uma barragem que se rompe é um desrecalque violento: o rio realiza o velho desejo de voltar ao primitivo leito.

Um erro de cálculo explica o desabamento de um edifício.
Mas por que não pensar também na rebelião das paredes contra o que se passa entre elas?

No estado de ruína os velhos prédios se convertem à religião...

A terrível força moral das águas, logo após o afogamento: o mar, o açude, a lagoa escondendo o crime... Só o rio tem o ar de quem não se lembra mais: porque o rio que matou já vai longe...

“Vôo”, “asas” — metáforas inúteis, destinadas a apagar nos tripulantes do avião a consciência da violação, pelas hélices, da virgindade da atmosfera.

O desabamento de um antigo prédio desabitado sem a provocação do homem nem a intervenção do vento — tem todas as características de um suicídio por desgosto.

No desastre instantâneo há uma fulguração que não é do sol nem de nenhuma luz exterior.

O desabamento de uma mina é como a reação da virgem que fecha as coxas à ameaça do bruto.

O deus dos desastres é zoroastriano, abscenso, canhoto, míope, surdo e estúpido. Sua força física, porém, é assombrosa. Impossível saber-se como e quando fará uso dela.

Com sua vanguarda de relâmpagos e ventania, o mais sinistro dos temporais é um espetáculo com que a natureza procura aterrorizar os homens e arrefecer-lhes a vontade imemorial de conquistá-la.

Uma casinha transfigurada pelas chamas executa para suas companheiras de rua o *ballet* com que se despede de sua condição de casebre: é o seu momento de revanche e o único esplendor.

Enquanto a natureza diminui suas catástrofes, o homem multiplica seus desastres.

De *Cadernos de João*





SOBRE ANÍBAL E SUA OBRA

“Sob o ponto de vista intelectual, Aníbal representa para o Rio de Janeiro aquilo que Mário de Andrade significou para a São Paulo dos 30 e 40: um arregimentador animador cultural, introdutor das vanguardas poéticas, intelectual empenhado e partidário. Como escritor, porém, seu papel não é menos importante.”

Raúl Antelo

“Quando se escrever, um dia, a história da literatura brasileira moderna, ficará reservada uma página bem nutrida para o autor do volume *Vila Feliz*, pois foi ele um dos melhores contistas do século.”

Otto Maria Carpeaux

“Poucas vezes a linguagem literária recebeu tratamento de maestria tão acentuada.”

M. Cavalcanti Proença

“Alguns poemas de Aníbal Machado vieram enriquecer o nosso patrimônio poético mais do que a abundante produção impressa de numerosos poetas tão freqüentemente citados e recitados.”

Manuel Bandeira



“Livro esperado desde a década de '20, o *João Ternura* de Aníbal Machado constitui um dos mitos representativos do Modernismo brasileiro, e, ao mesmo tempo, uma das suas mais completas realizações. [...] O grande encanto dessa narrativa firma-se no profundo humor poético do texto, sugestivo e pessoal.”

Alexandre Eulalio

“*João Ternura* nasceu de todas as idades que Aníbal ia atravessando e é o resumo poético de sua fabulosa experiência através da vida.”

Pedro Nava

“Não julgo [...] Aníbal Machado uma espécie de inibido literário pelo excesso de vida, como é o caso de Oswald de Andrade. No autor de *Vila Feliz* será antes o gosto inteligente da existência, o prazer de folhear o mundo, à semelhança de um livro, que lhe restringe a criação artística. Levando a arte muito a sério, ele deve fazer da vida um delicioso diletantismo, diluindo nessa volúpia sua necessidade de evasão. Para o livro, então, sobrará muito pouco. Oh! Mas esse pouco basta para justificar todos os elogios de que tem sido alvo Aníbal Machado.”

Brito Broca

“Ele era todo uma casa, de mesa posta e luz acesa.”

Carlos Drummond de Andrade

“Nenhuma estatística verificará jamais quantos livros importantes, bons ou sofríveis, qual parte da literatura brasileira entre 1930 e 1960, foram concebidos nas conversas daquela sala da Rua Visconde de Pirajá; e quanta música boa se inspirou nos cantos folclóricos ali ouvidos.”

Otto Maria Carpeaux

“Era um consertador de material humano, e era também um homem que aceitava material humano tal como ele é, precário e torto [...] Era um homem tocado pela graça da compaixão e virilmente bandeado para o partido da vida”.

Paulo Mendes Campos





Aníbal Machado: Artista do Verbo e da Vida

Governador do Estado de Minas Gerais:
Aécio Neves da Cunha

Secretária de Estado de Cultura:
Eleonora Santa Rosa

Secretário-adjunto de Estado de Cultura:
Marcelo Braga de Freitas

Superintendente de Bibliotecas Públicas:
Maria Augusta da Nóbrega Cesarino

Presidente da SABE:
Maria Helena de Sá Barreto

Coordenação Geral:
Fabiola Farias

Curadoria:
Humberto Werneck

Programação Visual:
Luciana Lima

Agradecimentos:

Francisco Aníbal Machado Gontijo
Cacá Mourthé
Virgílio Machado
Alexandre Gobbo
Gabriella Moyle
Belarmino Silva
Cláudia Lima

Realização:



Superintendência de
Bibliotecas Públicas/
Minas Gerais

Apoio Institucional:



Associação de Amigos
da Biblioteca Pública
Estadual Luiz de Bessa

Patrocínio:



Apoio:



Ministério
da Cultura





Marieta (Mãe de Aníbal) Monteiro



Pais de Aníbal - Marieta e Virgílio



1ª Esposa - Aracy Jacob



Família de Aníbal em casa da Família BH (Rua Tupis - hoje Shopping Cidade)



Cel. Virgílio Machado (pai)



Família de Aníbal



Filhas e Amigas



Aníbal e Selma Jacob (2ª esposa) em Ouro Preto



Maria Luiza Machado Gontijo



Filhas de Aníbal - Aracy Maria, Ana Maria, Maria Luiza, Maria Clara, Maria Ethel e Maria Celina